

# GAZETA D'ANGEJA

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil  
8\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 reis.  
Passado o dia 40 reis.

Redactores — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

Administrador—SEBASTIAO CORREIA DA COSTA

## ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha, 40. Repetições, 20. — Os surs. assi-  
gnantes tem 25 por cento de abatimento.  
Redacção—Rua dos Caldeiros, n.º 250

ANGEJA, 5 DE OUTUBRO DE 1887

## SUMMARIO

Expediente.  
A regia visita ao norte do paiz.  
Continuação das palestras humoristico-mo-  
raes entre Zé Gonçalo e Zé Tropas.  
Correspondencia do Pará.  
Noticiario.

## SCIENCIAS E LETTRAS

Ancião (soneto)—Alice Moderno.  
O coração—Barão de Roussado.  
A Tecedora (poesia)—Francisco Campos.  
A cicatriz—Joanna Thilda.  
O Dómino azul—Rafael.  
Folhetim: Mystificações—Vidal Oudinot.

## EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assi-  
gnantes de Aveiro a finesa de en-  
viarem a importancia da sua assi-  
gnatura á rua do Espirito Santo,  
n.º 26, ao ex.º sr. José Martins  
de Pinho, que faz a esta redacção  
o obsequio de alli receber o di-  
nheiro; e aos nossos dignos assi-  
gnantes de Estarreja pedimos tam-  
bem de enviar o importe das suas  
assignaturas ao ex.º sr. Antonio  
Caetano Lopes da Fonseca,  
que de bom grado recebe essas  
importancias.

## A REGIA VISITA AO NORTE DO PAIZ

Tem a visita d'el-rei ao norte do paiz,  
sobre outras vantagens de não menor va-  
lia, a de vir iniciar alguns dos mais im-  
portantes melhoramentos emprehendidos  
pelo governo, cujo alcance a gratidão so-  
cial não tardará a encarecer. E' que esta  
jornada, perdendo todo o cunho de um  
mêro passatempo, converte-se n'uma pere-  
grinação tão sympatica como utili ao paiz.

D'este modo lançará sua magestade,  
com grande prazer certamente, a primeira  
pedra n'esse monumento que a fecunda e  
poderosissima iniciativa do sr. ministro  
das obras publicas vai erguer na Povoia  
de Varzim. Consiste elle na construcção  
de um paredão d'abrigo dado a pôr ter-  
mo ás desgraças e sinistros, que, annual-  
mente, e como um tributo de lagrimas de  
orphanidade, era ali pago pelos desampa-  
rados da fortuna.

Obra de incontestavel utilidade e de  
reclamadissima urgencia, foi preciso que  
um homem de superior energia e alto  
prestigio a convertesse em realidade. Em  
Villa do Conde não é menos importante o  
melhoramento maritimo que a iniciativa  
do illustre estadista vai produzir. E' aquel-  
la costa habitada por pescadores, cuja tra-  
balhada vida tem na inconstancia dos ma-  
res uma terrivel contrariedade. E' ali que  
a providencia do governo manda lançar  
um paredão que defenda a barra nos dias  
de travessia.

Na formosa Vianna do Minho, tão nota-  
vel pelo seu commercio maritimo no pas-  
sado e tão decadente nos nossos dias, tam-  
bem a fecunda iniciativa do illustre mi-  
nistro quiz deixar um padrão do seu vali-  
mento. Como o esmorecimento do antigo  
esplendor em tudo se derive e dependa  
dos estragos da sua barra, hoje quasi alui-  
da pelo sul, ao passo que é obstruida, pelo  
norte, por uma linha de perigosissimos  
parceis, o nobre ministro, commettendo o

problema a quem melhor o entendesse,  
ordenou que se melhorassem as condições  
do porto, estabelecendo o ancora-touro  
em termos que o tornem abrigo seguro  
para os navios que ali venham a affluir.

Estes melhoramentos importantissimos,  
destinados a exercer no futuro maritimo e  
commercial do paiz um poderosa influen-  
cia, foram postos sempre de parte por  
quantas situações politicas tem havido e  
se tem feito succeder, ainda mesmo nos  
dias da sua melhor-ventura. Cabe a grande  
gloria de pôr mão em tamanho thema a  
este gabinete, dirigido pela lucida experi-  
encia e levantado patriotismo do sr.  
José Luciano de Castro, a cujo alto discer-  
nimento deve hoje o paiz a confirmação,  
em factos, das excepcionaes facultades go-  
vernativas dos ministros de quem s. ex.º  
se fez acompanhar no governo. Grande  
merito e enorme fortuna. Os trabalhos  
iniciaes, alem de constituirem o monu-  
mento de uma nobre e excepcional inicia-  
tiva politica, velarão tambem os justos  
reparos do povo que, n'estas cousas, é o  
unico juiz. Veja, pois, o povo a obra dos  
que trabalham, para, por ella, medir a  
justiça dos que enredam, tramam e pro-  
testam. Veja tudo isso; já que os dias  
correm mais para exames e inspecções di-  
rectas do que para desenfadados ou inuteis  
passatempos.

Ao sentirmo-nos animados pela subita  
transformação de ord-m moral que de  
presente discorre, importa que homens  
novos, dotados d'aquella energia que as  
circunstancias impõem e recommendam,  
adaptem o paiz material á categoria do  
espírito moderno. Esta obra não é facil;  
é mesmo penosa nos desconfortos momen-  
taneos que acarrta e nas contrariedades  
que produz; no entanto, passada a hora  
critica, o povo, e ainda mesmo a politica  
mais estreita, conhecerão quanto a inveja  
ou a paixão foi inju-ta no modo de ava-  
liar o esforço dos que inteiramente se de-

votaram á causa do paiz. Pela nossa parte  
apraz-nos esperar que todos façam o seu  
dever:—os ministros trabalhando, lutan-  
do, insistindo; o paiz, julgando em estan-  
cia suprema, como unico incitamento de  
que precisam os partidos. E sem esperar-  
mos que a verdade se imponha a todos,  
com a rapidez do raio, fazemos votos pa-  
ra que, ao menos, sejam justos na hora e  
no lugar em que mais o devem ser.

Destacando, pois, d'esta excursão, o que  
ella tem de mais significativamente popu-  
lar e social, resalta o indeclinavel dever  
de applaudir sinceramente o nobre presi-  
dente do conselho e o illustre ministro  
das obras publicas, em união com todos os  
que, a exemplo de s. ex.º, documentem  
com factos de bom governo a rija tempe-  
ra do seu esforço. E como complemento  
d'este lealissimo applauso, felicitamos  
el rei a quem se proporciona o grato en-  
sejo de vir pessoalmente inaugurar obras  
que testifiquem, no futuro, os dias glo-  
riosos do seu reinado. Ao animo de sua  
magestade, aberto a todas as simpatias pe-  
los que trabalham e padecem, não pôde  
deixar de aprazer-lhe tudo quanto vá or-  
denado a bem do adiantamento do paiz e  
das classes mais carecidas do amparo. Se-  
mear beneficios no coração do povo é pre-  
parar-se a copiosa messe da gratidão im-  
perceptivel e adjudicar-se, á face da histo-  
ria, as bençãos mais puras e mais legiti-  
mas.

## Continuação das palestras humoristico-moraes entre Zé Gonçalo e Zé Tropas

Ora benza Deus tudo!

—Benza-o Deus tambem sr. Gonçalo.  
Hoje foi você, quem tardou seu maganão,  
ainda bem, que assim se vão compensan-  
do as faltas d'um e d'outro.

## FOLHETIM

## MYSTIFICAÇÕES

AO DR. JOSÉ GUEDES DE CARVALHO

Nem uma nuvem só no firmamento  
A macular o azul suave e puro!...  
E eu deixei divagar meu pensamento  
Que n'esse instante, era sombrio e escuro...

No ar havia mysticos perfumes  
Que escapavam dos lirios doloridos,  
Como uns tristes queixumes,  
Que iam murmurar como gemidos,  
Um canções suavissimas dos nubes.

Eu encostei a minha frente pallida  
A' rocha de granito liso e branco;  
E uma fragrança calida  
Ia-se mergulhar no azul do espaço...

E o meu futuro eu vi silencioso e escripto  
Na tela luminosa e aerea do infinito.

Vinha contente, alegre e perfumada  
A minha noiva, muito pura e branca,  
Tinha no olhar a luz da madrugada,  
A transparente luz serena e franca!...

Vinha a sorrir e atirar-me uns beijos  
Com a pequena mão rosada e lida,  
Como a sonhar uns lubricos desejos,  
N'uma volupia encantadora e infinda.

Olhou-me ternamente a minha amada,  
E envolveu-me no seu olhar d'um modo  
Que eu eri ser a alvorada  
A illuminar o paraizo todo.

Vinha descendo a noite bella e mansa...  
E ao longe d'uma serra ennevoada  
A triste lua doce como a esperança  
Subia aos ceus serena e immaculada

Tinha partido a minha doce amada  
E eu fiquei-me a scismar n'essa creança  
Que tinha a pura luz da madrugada  
Como a oscillar-lhe a setinosa traça.

No azul ideal, solememente mansa  
Subia aos ceus serena e immaculada  
A triste lua doce como a esperança.

Como inspirado eu vi o meu futuro  
Escripto n'umas tiras de côr cêrula  
E ao longe um manto horrivelmente escuro  
Ia encobrendo a luminosa perola...

Vi na primeira tira, assim como esvalda,  
Da nuvem doce e branca  
A luz meiga e tão franca  
Do seu olhar sereno a illuminar-me a vida.

Depois na outra, eburnea, enorme, e immaculada  
Então vi docemente  
O seu amor dolente  
Como a lançar n'esta alma a luz da madrugada.

Um raio de luz depois, enorme e furioso  
Desfez a nuvem branca,  
Então ser-na e franca  
Surgiu a minha noiva em circ'lo luminosa

Tinha a doçura ideal, solememente mansa  
A circundar-lhe a fronte aerea e perfumada  
E a aurora immaculada  
Ia beijar-lhe a setinosa traça.

E uma nuvem passou. Da tela azul e suave  
Aquella imagem doce, amena e radiosa  
Foi-se evolvendo assim como a canção da ave  
A esvair-se além na aragem silenciosa.

Muito tempo ficou meu pobre coração  
Assim a dormir,  
Depois veio o luar  
Como a expargir a luz na triste solidão.

E o meu futuro eu vi silencioso e escripto  
Na tela luminosa e aerea do infinito.

Não era a noiva já. Agora a esposa  
Surgiu n'essa tela ideal e querida;  
Tinha essa luz ignota e carinhosa  
A suavisar do seu esposo a vida.

Esposa! Nome que a minha alma adora!...  
Companheira da dôr, das alegrias,  
Expulsas as sombrias  
Visões, que vão pelo infinito fóra...

Mas de repente o ceu tordou-se. E então  
—Triste desillusão—  
Anciosa, tremula, aquella doce imagem  
—Dulcissima imagem—  
Foi-se esvaindo assim na escuridão.

Ficou-se a dormir como cansado e lasso  
Meu pobre pensamento,  
Mas foi por um momento  
Porque tornou-se azul o tenebroso espaço.

E a triste lua doce como a esperança  
Em rectilineo traço  
Subia aos ceus serenamente mansa.

E então na tela azul e luminosa  
A doce esposa—mãe—  
Sempre serena a martyr lacrimosa  
Ia surgindo além.

Minha mãe, minha mãe que me fugiste  
Serenamente á ignota região  
N'esse instante senti esse olhar triste  
Como aquecer meu pobre coração.

Mas acordei do sonho! Immaculada  
Bella e serena  
—Rubra verbena—  
Surgia docemente a madrugada.

Porto, 1887.

(\*Das Derrocadas\*.)

Vidal Oudinot.

E' verdade, homem, demorei-me sem querer, fui dar a minha volta por Frossos na forma do costume; e vai, senão quando, na revira, encontrei-me com um amigo, que me dilatou bastante.

—Então devia de ser de interesse a conversa.

Oh... se era... Sempre vão cousas pelo mundo, Tropas, que é da gente estarrarrecer: dizem então, que a nossa terra é má... Os homens são sempre os mesmos por toda a parte. Não se vê senão corrupção de costumes, falta de religião, nenhuma instrução nos povos, uma licença desvergada em tudo.

—Lá isso é verdade, Gonçalo; e como não assim, se a vara da justiça entregue ao ostracismo das paixões políticas, dá azo á libertinagem; os pastores do rebanho de Christo para se fazerem políticos, não fazem catequese aos povos e deixam amontoar o pó na cadeira de S. Pedro; e os professores d'ensino primario, para se não enjoarem da palavra Deus, riscaram das aulas a leitura do catecismo, concorrendo assim todos para a desmoralização dos povos. Ora no meio de tudo o que me admira, é, que em Frossos, uma terra tão pequena, também haja...

Desgraçadamente também ha.

—Pois então rasga. Faz estendal de tudo isso, para que eu com o escalpello da razão, possa profundar a chaga, onde maliciosamente, se aninha o microbio, que tenta empeçonhar uma freguezia, que me é cara.

Hoje não. Será para outra vez; pois que temos muito que fallar sobre as cousas da nossa terra, e a freguezia tem direito de saber das peripecias, que se estão dando, com respeito ás obras da Igreja.

—Tens razão, fiquem as cousas de Frossos para a outra palestra, e vamos ao que mais de perto nos diz respeito. e reatemos o fio á conversa, já por diferentes vezes, e por conveniencias, cortada. O interesse é geral para a freguezia, e é bom que se ponha a lume, do que é preciso ter conhecimento.

Pois muito bem, deves estar lembrado que na nossa ultima palestra eu te disse que a Igreja estava n'um estado deploravel, e que, para que dezabasse, faltava pouco.

—E' verdade, lembro-me.

Por tanto como os concertos a fazer, fossem grandes, só podiam estar a cargo d'uma corporação administrativa, como as Juntas de parochia, mas desgraça; cahiam umas, subiam outras, e a pobre Igreja, sem que ninguém se apiedasse d'ella, lá ficava á espera de concertos, até que um dia chegasse a sua vez, e baqueasse hem n'um montão de ruínas.

—Oh!... Mas isso nas juntas era desmazelo, ou não sei que diga.

Diz que era malvadez; porque para se dizer ignorancia, nem eu taxo os homens d'esta terra de ignorantes, nem tão pouco elles se teem n'essa conta.

—Mas em verdade, custa a crer, que houvesse tanta malvadez, e tanta falta de amor proprio pelos interesses da sua terra, e que homens representantes do povo d'uma freguezia como Angeja, não abundante em caprichos... tivessem o mau gosto de esperarem a sangue frio o dezbamento d'um templo, o mais vasto e elegante d'estes sitios.

E é preciso saberes, que a sua edificação é devida a homens grandes, que houveram então n'esta terra; e que levou 20 annos a construir segundo documentos ainda hoje existentes.

—Ainda mais essa.

Pois é verdade, mas a maldita politica é sempre a origem de muitos males; e aqui desgraçadamente, como quasi em toda a parte, quando ha dois partidos beligerantes, um, capricha sempre em destruir ou desfazer, o que o outro faz ou pretende fazer.

Isso é mau, nem mesmo está em harmonia com a razão directa das cousas; todo o homem deve caprichar pelo bem da terra em que nasceu, ou em que vive.

Isso revela ignorancia, má educação ou malvadez; por essa forma retrograda-se, e não se avança; nem a civilização dos povos se alcança por caprichos em desunião e discordia. Demais não temos bem perto de nós, em Albergaria, na cabeça

do concelho mesmo, um exemplo frisante do quanto pode a harmonia? Lá também ha dois partidos em opposição, e quando se trata de melhoramentos para a sua terra, as armas do combate quebram-se, as harmonias fazem-se, os corações de cada individuo pelo bem da sua patria ligam-se, todas as vontades no calor da amizade fundem-se n'uma só; os melhoramentos crescem a olhos vistos, e Albergaria através dos maiores sacrificios assentes na vontade de um povo, ostenta-se altiva pelos seus melhoramentos. O que tudo deve á harmonia e bom senso.

Lá isso é verdade, e como verdade t'o digo; esta enteada d'Albergaria, pelas divergencias d'uns para com os outros na sua propria terra, tem contribuido sem o querer, na sua maxima parte, para o embelezamento da terra, que como modello me apresenta. A nossa desharmonia, é-lhes precisa e quasi necessaria; e por isso elles, com mais juizo que nós, agrupam-se, harmonizam-se, planizam melhoramentos sobre melhoramentos, embora para os conseguir nos sangrem de diversas maneiras; mas com a sua harmonia, honra lhes seja feita, conseguem os seus fins, e esfregando as mãos de contentamento, com sarcasmo vilipendioso, riem-se de nos verem atolados no monturo de miserias, que causam tedio, e que nós povo imbecil d'Angeja, com as nossas asneiras temos grangeado.

—Tu Gonçalo, tens razão.

Sim, elles teem encanamentos d'agua selecta e em abundancia; elles teem charizes sumptuosos, magnificos e de grande preço; elles teem todas as ruas illuminadas e bem; elles senão teem já construidos teem em plano grandes tanques e lavadouros, elles... que teem mais?

E' preciso que sem demora tratem de arranjar no largo de Santa Cruz um jardim publico, para ficar de toda uma bonita terra e com todas as commodidades precisas.

—Lá isso é verdade.

E nós que temos n'esta mal fadada Angeja, amigo Tropas? Caprichos loucos, asneiras e sempre asneiras. Folga e ri Albergaria, já que os de Angeja assim que rem. Tropas desculpa-me em t'o dizer, fizeste-me mal sem o queres; tocaste n'uma corda, que feriu para mim muito maus sons. Não o fizeste de proposito, por isso desculpa-te. Adeus, tenho umas fortes dores de cabeça, não posso continuar.

—Então as obras da Igreja?

Fallaremos n'ellas para a outra vez. Doe-me muito a cabeça não posso mais.

—Então, adeus.

Joel Pancrácio Bamboche.

## Carta do Pará

16 de setembro de 1887

Correspondencia particular da «Gazeta d'Angeja».

O ser correspondente d'um jornal, quando não ha arte, engenho, nem boça para rabiscar duas palavras que geito tenham, é grande a collisão em que se deve ver o pobre que d'isso está encarregado.

Eis o que me succede; no entanto sempre direi alguma cousa para não estar calado, apesar de não ser *algarvio* e estar no paiz dos Papagaios.

Ostenta-se n'esta data nas margens barrentas do Guajará, a rainha do Amazonas a formosa cidade de Belem em perfeito estado sanitario. O tempo corre com regularidade e com quanto o calor seja intenso temos as chuvas diarias que nos servem de refrigerio.

Cae? Não cae! São as phrases que circulam nos ajuntamentos politicos.

O governo dos Cotegipes está agarrado como a ostra ao rochedo, praticando toda a qualidade de abusos; mas como é o governo dos *arranjos*, está cada vez mais firme, soffrendo com isso o commercio e o Zé.

Os acontecimentos locais são de tão pouca importancia que não merecem menção.

Fez no dia 15 de agosto p. p. 64 annos que foi annunciada aqui a queda do jugo colonial.

Fruindo as regalias que aos paraenses facultou a sua emancipação politica, foi esse um dia de festa grande para aquelles que sentem n'alma a grandeza da liberdade. Certos pontos da cidade caprichosamente decorados, serviam de passatempo ás multidões que cheias de enthusiasmo davam vivas á sua independencia, recordando com saudade o nome dos heroes que com o seu martyrio para ella concorreram. Foi uma festa nacional.

Descobriu-se ha dias n'um dos hotéis d'esta cidade um quarteto de cavalheiros de industria que arrancando da sua sabia intelligencia, boas harmonias, teem causado graves desharmonias. E' um francez, um italiano, um hespanhol e um chileno.

Servem-se d'um meio assaz curioso com o qual já mais de um negociante incauto tem cabido com quantias avultadas. Eil-o:

Um d'elles que é o executor, dirige-se a um individuo qualquer que tenha em vista legar, e propõe-lhe dar 50 contos de réis em notas falsas a troco de 20 em notas verdadeiras. Aceite o negocio, o individuo é convidado a ir fazer a transação no hotel.

Abi chegados um d'elles dirige-se á sua banca, e, depois de muito conversar, tira a quantia ajustada, mostra todas as notas ao freguez, confronta-as com outras, reputadas boas, e depois mette-as dentro de um envelope grande, subscripta-o com o nome do individuo, e, acto continuo, mette o mesmo envelope dentro da pasta e dá um murro em cima, como quem serve de um mata-borrão.

Todo o acieio do trabalho está n'este ponto: ao abrir a pasta em vez de tirar o envelope que havia ali mettido, o esperto hespanhol tira um outro, em tudo igual e com o mesmo subscripto, e entrega-o ao freguez, que, sobresaltado, mette-o no bolso e sahe apressadamente, pensando na velhacada e na policia.

Explicação: o dinheiro, mettido no envelope, é verdadeiro e fica na pasta, ao passo que o outro, que leva o freguez, em igual envelope, não passa de folhas de papel, amontoadas, sem valor algum!

O Chileno, como chefe mandatario, é quem usufrue melhor quota. Estes meliantes achão-se presos e sem communicação, visto que no dia 22 do mez passado pela mesma fórma apanharam a um *figurão* da terra a bagatella de 12 contos. Quaes são mais larapios? Os que propoem o negocio ou os que o aceitam?

—A sociedade maçonica «Harmonia e Fraternidade» prepara uma kermesse para festejar no dia 28 do corrente o anniversario da promulgação da Aurea lei que emancipou o ventre da mulher escrava, inicio da libertação gradual. São já importantes as dadas juntas pelas diferentes commissões.

—Felicito d'aqui o novo padre Jacintho Nunes Freire, pois soube por carta particular que dissera a missa primeira em Cacia, terra natal de sua familia.

Por hoje nada mais.

A. A. Santos.

## Noticiario

**Agradecimento.** — Agradecemos penhoradissimos ao nosso bondoso assignante o sr. José Martins de Pinho o offerecimento que se dignou fazer-nos do primeiro numero da «Gazeta d'Angeja».

**Alice Moderno.** — Um nosso collega d'esta redacção recebendo ha tempos um delicioso soneto d'esta distincta poetisa, retirando-se d'aqui por algum tempo, esqueceu-se de o deixar ficar n'esta redacção, o que fez no seu regresso.

Pedimos desculpa á auspiciosa auctora das «Aspirações» por esta falta involuntaria.

**O incidente Franco-Allemao.** — O conde Mounster, embaixador da Allemanha, avisou M. Flourens de que o governo allemão resolvera indemnizar a viuva Brignon.

O embaixador fez constar que o governo imperial tomou este accordo sem espe-

rar o resultado das informações definitivas da França e da Allemanha, como prova dos seus bons desejos e da sua lealdade.

**Enfermarias da Relação.** — Deram hontem alta á enfermaria das cadeias da Relação, Leopoldo Alves e Manoel Ferreira, implicados no crime de homicidio praticado no guarda fiscal, no logar do Regado. Achando-se em perigo de vida por causa dos ferimentos recebidos na occasião da desordem, estão hoje completamente restabelecidos, devido isto ao activo zelo, dedicacção e intelligencia com que sempre costuma tratar os enfermos d'aquelle edificio, — o ex.<sup>mo</sup> commendador Fortunato Augusto Pimentel, distincto clinico d'aquellas enfermarias.

**Duqueza de Bragança.** — Os sr.s. condes de Pariz acabam de enviar a todas as pessoas, que offereceram presentes á princeza D. Amelia, por occasião do seu casamento com o principe real D. Carlos, um magnifico retrato da joven princeza, trazendo nos braços o seu primogenito, o principe da Beira.

Na parte inferior do retrato está o autographo da sr.<sup>a</sup> duqueza de Bragança.

**A familia real.** — Retirou se hontem do Porto, onde foi mui festejada, a familia real, para a cidade de Braga.

Sua magestade a rainha serviu de madrinha do baptisado da creancinha que nasceu na enfermaria dos partos do hospital da Misericordia, do Porto, quando a augusta rainha visitou aquelle estabelecimento.

O padrinho foi o sr. infante D. Affonso e á creança coube o nome de Affonso Maria.

Sua magestade a rainha foi representada pelo sr. dr. Albino Montenegro, governador civil, e o infante D. Affonso pelo sr. Malaquias de Lemos, general de divisào.

Os sr.s. Constantino Joaquim Paes e Alberto Rebello Valente Allen offertaram a sua magestade a rainha um formoso quadro contendo seis photographias, que reproduzem fielmente:

O retrato offerecido por sua magestade Victor Manoel á municipalidade do Porto e existente nos paços do concelho;

A capella de Carlos Alberto, edificada á sua memoria no anno de 1861 no jardim do Palacio de Crystal do Porto;

O interior da capella de Carlos Alberto; Exterior da casa, mostrando a janella do aposento occupado pelo rei da Sardenha; Inscricção sobre marmore no aposento onde morreu aquelle monarcha;

Vista da Foz do Douro, tomada do compartimento onde morreu aquelle principe.

Todas estas designações são em italiano.

**A Joia.** — Recebemos o 3.<sup>o</sup> numero d'esta interessante revista litteraria que se publica em Guimarães. São seus redactores os sr.s. Domingos Guimarães e Joa Otnip. O summario do numero que temos presente contém: *Chronica*, por Domingos Guimarães. — *Conto*, poesia, por Gonçalo Sampaio. — *Carnet mondain*. — *A Joia*, por A. Leão Martins. — *Astros*, poesia, por Alberto Silveira. — *O Primo Henrique*, conto, por D. Virginia d'Abreu. — *Expediente*.

**Cura da surdez.** — O sr. visconde de Villar d'Allen refere se a uma importante applicação que na China tem a «Saxifraga sarmentosa», hoje muito conhecida entre nós e que existe em quasi todos os jardins. E' empregada para cura da surdez e os seus effectos teem sido efficazes em alguns casos.

E' simples o modo de applicar o remedio. Pisam-se n'um almofariz as folhas e sarmentos, e o succo, assim extrahido, introduz-se no ouvido. Não deve ser diluido em agua.

Em conclusào, diz o sr. visconde de Villar d'Allen que pôde affirmar que um seu velho amigo, que soffria ha algum tempo de surdez, a curára com uma unica applicação do succo da «Saxifraga».

Este individuo, que, antes do emprego do succo da planta, não conseguia ouvir o «tic tac» de um relógio, tinha a audiçào no estado normal vinte e quatro horas depois da applicação do remedio.

O remedio é de facil applicação, e o sr. visconde de Villar d'Allen offerece gratuitamente a planta a quem, por infelicidade precisar de a applicar.

## SCIENCIAS E LETTRAS

## ANGEJO

Busco-te muita vez na immensidade,  
E entre os astros do ceu, pelo infinito,  
E nunca, nunca o teu olhar bemdicto  
Vem acalmar a dôr d'esta saudade?

Nunca tentei fugir-lhe! Estava escripto  
Que eu soffreria a tetrica anciedade  
De quem sabe que existe a claridade  
E em trevas fica, na soidão proscripto!

Comtudo, sou feliz... todos os dias  
Leio nas doces cartas que me envias  
Ao phrases que traçou a tua mão.

E então sinto um prazer immenso enorme,  
E durante algum tempo a angustia dorme  
Em vez de apunhalar-me o coração.

Alice Moderno.

## O CORAÇÃO

Perguntae á medicina o que é o coração e ella vos responderá que não é mais do que a machina de irrigação interna.

Uma especie de bomba que, comprindo-se e dilatando-se alternativamente, espalha o sangue pelas vertentes mysteriosas das veias.

Mechanicamente considerado é a mola-real d'este relógio eternamente desaceratado que se chama homem, e que na linguagem do povo costuma regular pelos candieiros da rua Augusta.

Um aparelho admiravelmente construido, porém nada mais que um aparelho.

A medicina e a mechanica depois d'este descobrimento tomam, em apparencia, a tranquillidade satisfeita de um viajante que terminou o seu caminho.

Eis ahí o coração, segundo a sciencia. Pomos a mão sobre elle e sentimolo bater incessantemente para que não nos esqueçamos de que anda sempre conosco. No seu ruido ha o quer que é de impaciencia, fazendo lembrar a precipitação que nos seus movimentos tem as coisas que acabam cedo.

Parece que a rapidez incessante com que se agita é uma voz sem palavras que nos está gritando sempre: isto vai a galope.

Algumas vezes creio que é um ser escondido dentro do meu peito, encarregado de contar os momentos da minha vida.

Chronometro terrivel que não perde um instante sequer.

O seu ruido é como as pancadas surdas de um picarete inexoravel, que vae minando lentamente os alicerces de um edificio.

No dia em que o ruido cessa desmoro-na-se o edificio.

Para os medicos só arroja o sangue que nos dá a vida.

Barão de Roussado.

## A TECEDEIRA

A MEU IRMÃO JOSÉ PEREIRA CAMPOS

Castá, linda, innocente, não vaidosa,  
alegre na pobreza em que vivia,  
não pedia na prece fervorosa  
senão o parco pão de cada dia.

Amava Deus, os anjos, os mysterios,  
d'uma religião, pura, chrystã,  
tinha sonhos; mas eram tão ethereos,  
que lhe esqueciam, mal vinha a manhã.

Trabalhava ao tear, junto á janella,  
única da casita em que habitava,  
sem rendas, sem cortinas, tão singela  
como esse coração que lá morava.

Quando o sol se finava, uma avesita,  
que, ha muito conhecia a tecedeira,  
ia soltar-lhe uma canção bonita  
á porta da casinha, na figueira.

Então ella sahia da cosinha  
trazendo n'uma tabua uma semente  
de que muito gostava essa avesinha,  
que ia cantar-lhe á porta docemente.

Passou-se muito tempo assim sereno.  
...Mas um dia chegou á pobre aldeia  
um bonito rapaz—rosto moreno,  
maneiras attrahentes e voz cheia...

...E, na manhã seguinte, a tecedeira  
quando, para sahir, abriu a porta,  
encontrou a avesita da figueira,  
estendida no chão, gelada, morta.

1887.

Francisco Campos.

## A CICATRIZ

A duqueza é formosa e altiva, e quando uma pessoa a vê passar no *huít resorts* preto, capitonado de botões de ouro, pensa que ha mulheres a quem o destino conferiu todas as superioridades: belleza, espirito e riqueza; ninguém repara no fogo sombrio que se lhe concentra nos olhos—duas estrellas no crepusculo—na expressão desolada dos labios, accusando em uma prega o desdem, o soffrimento; e se por acaso vemos a cicatriz, escondida sob os frizados de ouro, a horrivel cicatriz dis-imulada com tão angustioso cuidado, concluímos que a dama se queimou na occasião em que frizava os cabellos claros e macios, illuminados a espaços de bruscas scintillações: cinza que alimenta o ardor da chama!

Os hombros da duqueza tem a ondulado moiré, o brilho do setim, a carne é uma flor; e quando o coração pulsa impellido por uma commoção forte, o sangue precipita-se sobre essa pelle de opala, e assemelha-se ás rosas que encontramos nos jardins debaixo da neve.

As suas toilettes são originalissimas e doidas: ora evidentes até á extravagancia, ora sombrias como se saíssem gritos de desespero do velludo e da seda que se enroscam, divinas cobras, em torno do seu bello corpo. A sua existencia é igual ás suas toilettes: durante uma semana, um vertiginoso turbilhão de jantares e bailes arrasta a; a endiabrada *verve* da duqueza embriaga e arrebatá o cortejo de adoradores que a não deixa nunca; alguns dias depois o palacio fecha-se; a duqueza passa os seus dias no oratorio, com os olhos erguidos para o Christo—um Christo que Bounat pintou para ella e que ninguém conhece—chora, supplica, arrasta-se, invocando a misericordia do ceo!

O marido viaja e todos a julgam ieliz pelo facto de estar separada por muito tempo, para sempre talvez, do homem vulgar que não fallava, que contemplava extatico a adoravel creatura, cuja posse se lhe afigurava um thesouro sem igual, que passeava os cães e superintendia o tratamento do cavallo favorito. Quando perguntam noticias d'elle á duqueza, o que é raro,—quem se preoccupa com esse homem nullo, que não tinha outro distinctivo senão o de possuir um bello nome—ella empallidece e não responde; pungil-a-ha o remorso de não chamar paró junto de si um marido que a amava?

A duqueza tem muito espirito, e a despeito da phrase de madame Lambert, que affirma que uma mulher não é nunca espiritualmente senão á custa da sua virtude, ninguém lhe conhece um amante. Entretanto, murmura-se ao ouvido um nome; um bonito principe, que out'ora se apaixonou pela dama, e que de repente desapareceu; seu marido achava-se em Pa-

ris n'essa epocha, mas esse simulacro de marido não a incommodava, ao contrario, tornava ainda mais picante essa bonita paixão, toda enflorada de delicias quasi prohibidas. Ero pois á memoria do principe que a duqueza permanecia fiel, as etriedades do passado punham lagrimas nas suas longas pestanas e apagavam a côr nos labios, que já não sabiam sorrir; aquelles que tinham encontrado o principe em Roma acompanhando uma cantora celebre, encolhiam os hombros, e as boas amigas riam expansivamente, contando a historia do ingrato que corria terras, na amavel convivencia de uma cantora, em vez de vir enxugar os olhos da mulher mais bonita de Paris.

(conclue)

Jeanne Thilda

## O DOMINÓ AZUL

Era o ultimo dia de carnaval.

Pelas ruas via-se uma massa compacta de mascarados que n'uma folia vertiginosa, n'uma gritaria infernal corriam loucamente n'aquella noite para o theatro, a despedirem-se com indizível satisfação do ultimo baile de mascaradas d'aquelle anno.

O theatro achava-se repleto de espectadores, d'um numero immenso de mascaradas, e illuminado por milhares de luzes. A's dez horas a orchestra rompia por uma *contradanza*, deixando nos ouvir uns sons ruído-os e proprios d'um baile carnavalesco e theatral. Depois principiou a espessa, aquella deusa multidão a mover-se lentamente e pouco depois distinguia-se o passo cadenciado da dança, apenas interrompido de espaço a espaço pela muita algazarra que alguns mascarados mais espirituosos faziam, divertindo-se e gracejando com os espectadores.

Todos tomaram parte na festa com igual alegria e prazer completo.

Quanto ali havia de mais extravagante, mais exotico, era o que mais excitava a hilaridade, as mais estrepitosas gargalhadas do publico.

Attilis, um sympathico e esbelto rapaz, amante do bello sexo e sonhador, foi como costumava presenciar este derradeiro espectáculo para não deixar em divida o tributo das vinte primaveras.

Lançando-se no meio d'aquelle labyrintho insano como Colombo áquelles mares desconhecidos—á cata d'alguma descoberta feminina, foi delido por uma mascara que se lhe dirigiu.

—Boas noites, Attilio, como estás? E como elle ficasse á miral-a da cabeça aos pés, sem lhe responder, ella continuou:

—Não me conheces?!  
—Não, mas ia jurar que és uma bella rapariga, pois tens olhos tão seductores!

—Ah! ah! como és lisongeiro!

—Isto não é lisongear-te, meu anjo, é dizer simplesmente o que penso de ti.

—Não duvido, todavia conheço uma mais bella a quem tu amas.

—Pois que? tu conheces aquella a quem amo?

—Quasi como as minhas mãos.

—E' impossivel, porque isso são segredos que trago reconditos no mais intimo do coração.

—Mas não tão intimos que já alguém os não tenha adivinhado.

—Então qual é o seu nome?

—Queres saber-o?—interrogou ella; e inclinando-se-lhe ao ouvido segredou-lhe: Celeste!

—E' notavel! Mas como podeste saber uma coisa que ainda a ninguém confiei?!

—Revellou-m'a o teu olhar.

—E quem és tu que assim penetras no meu pensamento? Estarei sonhando! parece-me ter ouvido já essa voz celestia!

—Sou *O dominó azul*.

—Mas eu desejo fatalmente conhecer-te.

—E' impossivel.

—Impossivel! Nunca; nem que para isso eu tenha de seguir-te ao fim do mundo.

—Se tal ousasses, seria isso a tua perdição. Saber-o-has mais tarde.

—E quando chegará esse ambicionado dia?

—*O dominó azul* t'o annunciará quando menos o esperares; aliás terás de ar-

repender-te se teimares em seguir-me, pois que posso fazer-te descahir no conceito d'aquella a quem amas.

—Bom; n'esse caso desisto da minha tentativa.

—Então adeus, Attilio. Sé feliz.

—Adeus, minha mysteriosa beldade.

E a desconhecida, sumindo-se no meio da turbamulta, depressa desapareceu á vista do seu estupefacto interlocutor, talvez pesarosa de lhe não ter satisfeito a curiosidade.

Elle acompanhou-a com a vista enquanto pôde; depois, permaneceu pensativo e taciturno, olhando para todo aquelle borborinho com indifferentismo. A' meia noite resolveu ir para casa, porque já o incommodava aquella enfadonha e deseperada algazarra.

Pelo caminho ia pensando no infernal dominó que de forma alguma pôde desconfiar ou sonhar quem fosse.

Deitou-se; sonhou com mais de mil dominós azues, mas não reconheceu nenhum, como pouco antes lhe succedera.

Acordou; os raios do sol batiam-lhe em cheio no rosto. Era indício d'um dia limpo e ameno, um verdadeiro dia primaveral. Ao cahir da tarde foi dar o costumeado passeio, percorrendo todas as ruas, olhando para todas as janellas; encarando todas as jovens, mas de balde; *O dominó azul* não foi descoberto e a esperanza desvaneceu-se-lhe.

\* \*

Um mez depois, recebeu pelo correio uma carta concebida n'estes termos:

«Attilio:

«Sei que já me esqueceu, portanto cedo cumprirei a minha promessa.

Dóminó Azul.»

O pobre mancebo ainda tornou a scismar quem seria o mysterioso dominó; mas como a imaginação não lh'o dizia, amarrotou a carta entre os dedos desesperadamente e arremçou-a ao chão, ficou algum tempo pensativo, obtracto, apanhou-a novamente, e guardou-a na carteira.

A's onze horas da noite caminhava por uma rua adiante, cautelosamente, examinando se alguém o observava, e ao chegar junto da casa onde habitava a sua Julieta, parou. Decorridos alguns minutos abriu-se uma janella e surgiu o pallido vulto d'uma mulher. Ella esperava-o. Depois d'algumas phrases pronunciadas em voz baixa e que a aragem arrebatou nas azas perfumadas, ella atirou-lhe do balcão abaixo uma carta, a primeira carta d'amor, aquella que os devia tornar felizes, e fechou em seguida a janella mansamente.

Elle, ébrio de enthusiasmo, guardou cuidadosamente a carta, essa carta em que se encerrava toda a sua vida, e que anciosamente esperava desde que declarara o seu amor á auctora.

O chegar a casa foi obra d'um momento. Uma vez ali, abriu a carta precipitadamente, com mãos tremulas, como se d'ella dependesse a sua sentença de vida ou de morte, e leu com avidez o seguinte:

«Attilio:

«A sua condescendencia, a sua alma generosa, fez-me pulsar o coração d'um modo indefinivel, e hoje não posso negar-lhe o que tanto me supplica,—o meu amor. Seria ingrata se assim não procedesse, pois que cumprir as promessas que contrahe é a missão da

Sua  
Dóminó Azul.»

Attilio comprehendendo tudo. O dominó que tanto lhe dera que pensar, era aquella a quem dias depois do carnaval elle escrevera dedicando-lhe toda a sua vida, todo o seu amor: era Celeste.

\* \*

D'ahi a um anno, em uma das igrejas parochias da cidade, uniam-se pelos laços indissolaveis do matrimonio Attilio e Celeste, aureolados por uma risonha e invejavel felicidade.

Aveiro 1-9-87.

Rofinim.

## ANNUNCIOS

## PROFESSOR

Offerece-se um com longa pratica de Francez, Introducção e Mathematica, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios e tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. M., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

## TABELLA DOS EMOLUMENTOS DAS

**Juntas geraes—Secretarias das camaras municipaes; governos civis; administrações dos concelhos e commissariados de policia—Juntas de parochia Regedorias e tribunaes administrativos:** acompanha de um **Appendice** contendo toda a legislação relativa aoCodigo Administrativo, publicada posteriormente.

Preço, 120 reis

**Livraria Archivo Juridico,** de A. G. Vieira Paiva, editor, Bomjardim, 76—Porto.

## A JOTA

Revista quinzenal litteraria, dedicada ás damas vimezanenses.  
Assigna-se em Guimarães, rua das Lameellas, 37.

## JORNAL DAS SENHORAS

## FOLHA LITTERARIA, MENSAL

DIRECTORES

MANOEL DE MOURA E DANIEL D'ABREU JUNIOR

Colaborado por escriptores de merecimento

ASSIGNATURA

Anno . . . . . 600

(Pagamento antes de ser publicado o segundo n.º)

Os primeiros 40 assignantes receberão como brinde, juntamente com o n.º 2, um exemplar da «Versão da Fabula de Narciso», poemeto de Luiz de Camões, devida á penna de Manoel de Moura.

O 1.º n.º sahirá muito breve.

Desde já se recebem assignaturas na redacção, rua do Vasco Gama, Foz do Douro e na rua do Loureiro n.º 58—Porto.

## PHARMACIA E DROGARIA MEDICINAL

DE

## FERREIRA &amp; IRMÃO

77, RUA DA BAINHARIA, 79 (3.ª casa acima da esquina da Ponte Nova)

PORTO

DROGAS MEDICINAES, PRODUCTOS CHIMICOS, PHARMACEUTICOS E PHOTOGRAPHICOS

Collecção completa dos granulos dosimetricos de Burggraave, sedlitz Chanteand e outros productos comprados na casa do auctor. Fabrico de chocolates restaurantes e medicinaes. Especialidades annunciadas nos jornaes e todas aquellas até agora conhecidas na therapeutica. Vaccina ingleza, tinturas para o cabello, copos de quassia. Extracto de carne de Liebig Ferros e instrumentos cirurgicos, avulso e em estojos para preço desde 3\$000 a 30\$000, podendo modifcar se os estojos á vontade em quantidade de ferros e preço, caixas d'autopsia, amputações, uretrotomias molestias d'olhos, e para extrahir os dentes. Forceps, especuluns variados, aparelhos d'Esmarch, machinas e escovas electricas, larygoscopios, seringas para injeções subcutaneas, termometros clinicos, stetoscopios etc., etc. e estojos varios. Apparellhos cirurgicos em geral como: algalias, velinhas de prata, estanho, gomma elastica, forma variada. Fundas direitas, esquerdas, de todos os systemas até hoje conhecidos, simples e duplas, para homem, mulher e creanças: ditas sem mola especies para creanças 2 mezes a 6 annos. Cintos elasticos para comprimir o ventre, ditos e fundas para rupturas no umbigo de creanças e adultos. Almofadas d'ar para doentes, tubos alimentadores para os ómestros. Meias elasticas de linho, algodão e seda, compé e sem pé até ao joelho, caxale varilha, e em peças isoladas. Suspensorios para os escrotos, escudos e esferas para fonticulos; urinoes de diversas formas; bonets para gèle, passarios de forma variada e ventosas aspiradoras, etc., etc. Seringas de todos os systemas conhecidos, e borracha para injeções e clysteres, da capacidade desde 12 a 1:000 grammas. Seringas e borrachas com canulas para lavatorios vaginaes. Puerisadores para pós e liquidos. Fios de linho; esponjas; ligaduras de tecido elastico; pinceis rectos e curvos articulados com esponja para a garganta. Mamadeiras e bombas para extrahir leite, ditas para collocar nos peitos, tetas e syphões de formas muito variadas. Tubos elasticos de diametro desde 1 millimetro a 12 centimetros; dito furado para esgoto de tumores, etc. Thermometros para o tempo e para banhos, areometros, alcoometros, densimetros pesa-mostos, barometros, microscopios, e lentes, almofarizes e capsulas de porcella, alampadas a alcool, retortas, balões tubos de vidro, frascos tubolados, provetas, copos graduados e aparelhos para limonadas gazozas.

Vendas por junto e a retalho

## DEPOSITO DE VINHOS DO PORTO

## CASA DE VILLAR D'ALLEN

237, Rua de Sá da Bandeira, 239

## VINHOS DE DIFFERENTES IDADES

300, 400, 500, 600 e 700 réis a garrafa

## VINHOS DE COLHEITAS ESPECIAES

800, 900, 1\$000, 1\$200, 1\$500, 1\$800, 2\$000 e 3\$800 a garrafa

## MALVAZIA, MOSCATEL, BASTARDO E MOURISCO

Douro Clarete, 160 réis a garrafa

OS PREÇOS SUPRA INCLUEM A GARRAFA

## VINHOS DA UNIÃO VINICOLA PORTUGUEZA

Douro, sobremeza . . . . .	(garrafa) réis	220
Douro, sobremeza, secco . . . . .	» »	200
Douro, meza, claro . . . . .	» »	160
Douro, meza, secco . . . . .	» »	140
Douro, natural . . . . .	» »	100
Vinho alimentar . . . . .	» »	80
Minho clarete . . . . .	» »	80

PREÇO SEM GARRAFA

237—Rua de Sá da Bandeira—239

## AGENCIA COMMERCIAL NO PORTO

PROPRIETARIOS

MAYA & C.<sup>A</sup>

GERENTE

José Antonio Pereira Maya

81, Rua de Bellomonte, 83

PORTO

Encarrega-se da collocação de capitães.  
Compra e venda de predios, e de papeis de credito; emprestimos sobre hypothecas.

Encarrega-se da cobrança de dividas, tanto n'esta cidade como fóra do Porto.  
Liquidam-se heranças, trata-se de inventarios, justificações, habilitações, execuções, embargos, arrestos, recursos de recrutamento, appellações, agravos, e recursos de revista, e de todas as acções commerciaes, civeis ou criminaes; e solicitam-se todos os negocios forenses e de justiça, e dependencias de todos os tribunaes, repartições e secretarias do Porto e Lisboa.

## CONTRA A DEBILIDADE

## Farinha peitoral ferruginosa da Pharmacia Franco em Belem

Preçioso alimento reparador, excellente tomico reconstituente; esta farinha, a unica privilegiada e legalmente auctorizada, é muito agradável e utilissima para falta de appetite, doenças de peito, para convalescentes, pessoas idosas, creanças, anemias, em geral para os debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade.

## VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Unico legalmente auctorizado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalizados pelo consul geral do Imp-rio do Brazil. É muito util na convalescência de todas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos individuos debilitados, e excita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda na Pharmacia Franco, em Belem e nas principaes pharmacias.

## CONTRA A TOSSE

XAROPE PEITORAL — JAMES

Unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil. Vende-se na Pharmacia Franco em Belem e nas principaes pharmacias.

## EXAMES EM OUTUBRO

Com longa pratica de ensino das disciplinas de FRANCEZ, INTRODUCCÃO e MATHEMATICA, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno, habilita, para os exames que têm de haver em outubro, alumnos em qualquer das disciplinas acima mencionadas, por preço extremamente modico.

Toma conta de lições particulares, indo aos domicilios; tambem lecciona em collegios.

Dirigir carta com as iniciaes A. N., a esta redacção, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.